O ESPIRITUALISMO SUBVERSIVO: COLÓQUIO DE 24/25/26 DE AGOSTO DE 1982

Quando a Sociedade Augustin Barruel foi criada, há cinco anos, a Subversão espiritualista fazia parte do programa geral que ela traçara para os anos futuros; mas pensávamos em dedicar nossos trabalhos primeiramente ao aspecto racionalista da Revolução e fazer o inventário dos resultados consideráveis adquiridos por nossos predecessores: queríamos, sobretudo, estabelecer uma síntese mais explicativa, ligando melhor os diversos fatores entre si, e que fosse livre daqueles receios e daqueles respeitos humanos deslocados que frequentemente tolheram muitos analistas. (1).

A Subversão espiritualista, cuja importância nos tempos antigos e modernos conhecíamos e que havíamos planejado abordar mais tarde, parecia-nos provir de meios marginais e, na maioria das vezes, não católicos.

Ora, há três anos tornou-se certo que a situação atual é diferente: graças a formas novas, diversas e por vezes aparentemente opostas — e muito sutis em todos os casos —, a Subversão espiritualista interessa-se pelos meios tradicionalmente opostos à Revolução e até mesmo pelos meios católicos autênticos.

É doravante visível, a olho nu, que suas empreitadas estão prestes a triunfar e que, graças a cumplicidades, nomeadamente eclesiásticas, os "Teólogos neognósticos" ensinam abertamente entre os católicos tradicionais.

Nessas condições, não era mais possível limitar-nos ao nicho escolhido e, queimando etapas, compreendemos que era preciso fazer rapidamente um balanço sobre o Espiritualismo subversivo, suas origens, suas raízes remotas e próximas, e sobre suas formas modernas e contemporâneas. O trabalho assim empreendido resultou em um Colóquio que, no mês de agosto de 1982, reuniu cerca de cinquenta pessoas durante três dias.

Segundo nossos princípios e nosso costume, não se tratava de lançar anátemas, nem, inversamente, de ser "acolhedor", mas, através dos textos dos próprios autores em questão, compreender o pensamento subversivo em seus temas fundamentais compreender o pensamento

subversivo em seus temas fundamentais e em suas facetas múltiplas e diversas. Estas últimas não são as menos importantes para o nosso propósito, pois é geralmente por meio de uma ou outra que a Subversão espiritualista consegue seduzir certos católicos, como o faz atualmente diante de nossos olhos.

Os temas evocados durante esses três dias formam, evidentemente, um todo, mas neles se pode discernir, se não três partes distintas, ao menos uma progressão: o primeiro dia foi dedicado ao paganismo; o segundo, às etapas da penetração subversiva no meio cristão ao longo das eras; o terceiro dia foi reservado ao caso particular daquele que foi o iniciador da maioria dos esoteristas "cristãos" atuais e que permanece, ainda hoje, como o grande ancestral e, por vezes, o mestre: René Guénon.

Os estudos realizados nesta ocasião aparecerão gradualmente no Boletim da Sociedade, mas os números anteriores já publicaram quase uma dezena de artigos que relembraremos brevemente:

No nº 1 (reeditado no nº 6), *A propósito da Contra-Igreja e das dificuldades postas pelo seu estudo*. No nº 2, *O urgente problema da Tradição* (que será reproduzido em breve). No nº 3, *A Gnose, tumor no seio da Igreja* e *O Périplo agostiniano e suas consequências intelectuais*. No nº 4, *As Condições gerais do poder e da religião demoníacos*. No nº 5, *A Gnose de ontem a hoje*. No nº 6, *A Gnose hoje*. Nos nºs 7 e 8, *Contribuição para o Estudo do Hermetismo*.

O recente nº 9 publicou um primeiro artigo sobre "*A Gnose tradicional do Professor Borella*"; este nº 10 contém um primeiro estudo sobre "*René Guénon, muçulmano desconhecido*", e outros se seguirão, os quais não é possível enumerar aqui.

Essa passagem da forma racionalista para a forma espiritualista da Revolução constitui um grande motivo de espanto e, por que escondê-lo, de incompreensão para a quase totalidade dos católicos. Essa dificuldade situa-se em dois níveis: primeiramente, as reações neoespiritualistas são ou subestimadas, ou consideradas como realmente antirrevolucionárias; em seguida, quando esse neoespiritualismo é finalmente tomado pelo que de fato é — um novo avatar da Revolução —, alguns não conseguem compreender como ele pode enganar mentes católicas, por desconhecerem os pontos de apoio que essas doutrinas encontram nessas mentes.

É por isso que a explicação desta situação não deve ser buscada em nosso ambiente imediato, mas sim nos séculos passados e até mesmo nas origens dos tempos, daí o programa escolhido para este verão: um programa vasto, excessivo à primeira vista, mas cujo caráter sinóptico era indispensável para não correr o risco de falsear as perspectivas.

A crise contemporânea resume-se em um retorno da espiritualidade pagã e em sua infusão no Cristianismo em nome da luta contra o racionalismo e o materialismo. Era necessário, portanto, como fizemos no primeiro dia, partir da Queda original e das duas Tradições espirituais que dela resultaram, para então examinar o estado dos diversos paganismos, pré e pós-cristãos, sem esquecer o Islã, naturalmente.

No segundo dia, foi necessário estudar as primeiras penetrações dessas doutrinas espirituais pagãs no seio do Cristianismo — não na doutrina católica reconhecida e ensinada pela Igreja, mas entre os membros da Cristandade desde a Idade Média e sobretudo, é claro, a partir da Renascença.

O período posterior a 1789 — o "estúpido século XIX", segundo a impudente fórmula de Léon Daudet — é conhecido como sendo o do racionalismo e do Progresso, mas esquece-se com demasiada facilidade que ele foi também o do Romantismo, da descoberta do Oriente e do Ocultismo; por isso, duas comunicações foram dedicadas a esse aspecto.

A penetração oriental no Ocidente conduz-nos à terceira etapa: a do renascimento gnóstico contemporâneo, que se manifesta em todas as direções e que não se deve, de modo algum, restringir a alguns exercícios mais ou menos folclóricos.

Este renascimento gnóstico conheceu sua primeira grande eflorescência entre 1880 e 1940, após cinquenta anos de preparação romântica, e René Guénon foi o seu maior exemplo há sessenta anos; mas, há cerca de trinta anos, ele se desenvolveu extraordinariamente a partir de uma base científica e universitária: é, aliás, este último traço que lhe confere peso junto a um público habituado a uma universidade racionalista e que se sente feliz ao descobrir aliados onde antes só via adversários. Funesto erro que explica muitas cumplicidades imperdoáveis!

Um dos grandes perigos desta ofensiva gnóstica reside na multiplicidade de suas formas e em sua aparente oposição; mas essa extensão fornece-nos igualmente os meios para compreender do que se trata: os tempos da "desocultação" chegaram a tal ponto que estamos submersos em informações que sublinham e explicitam minuciosamente a unidade profunda das formas gnósticas, "*A Unidade Transcendente das Religiões*", segundo a expressão de Frithjof Schuon (2).

Desta forma, aquele que age de boa-fé pode perceber por si mesmo a realidade: graças aos textos dos próprios gnósticos contemporâneos e pela comparação desses textos, ele pode acessar o velho fundo panteísta (3) comum a todas as variantes gnósticas, e detectá-lo mesmo sob aparências que lhe agradam — tanto mais quanto foram expressamente concebidas para seduzi-lo.

Todos esses problemas que preencheram os três dias de agosto de 1982 interessaram vivamente os participantes e fizeram-nos perceber que domínio imenso estava sendo apenas tangenciado. Cada um compreendeu melhor como a ignorância dessas questões pela maioria dos católicos era o melhor trunfo dos gnósticos em suas empreitadas, sendo a ignorância atual mais grave que a dos séculos passados devido à inação do magistério da Igreja — inação, para não dizer cumplicidade.

Um trabalho considerável resta a ser realizado, para o qual são necessários importantes meios materiais, financeiros e humanos: contamos com nossos leitores e todos os nossos amigos para ajudar-nos a encontrá-los; eles participarão, assim, realmente desta tarefa salutar e indispensável, para a qual não há concorrência e que deve despertar a vocação de todo católico consciente do que está em jogo: a Fé Católica.

Eis, resumidamente, os temas do Colóquio de agosto de 1982:

- As duas Tradições espirituais
- Os paganismos pré-cristãos
- A evolução do paganismo a partir do Cristianismo
- O Judaísmo - O Islã
- As primeiras investidas medievais
- A expansão na Renascença

- Do quietismo à Teosofia
- O século XIX e os equívocos da reação romântica
- O Ocultismo nos séculos XIX e XX
- A penetração oriental e o renascimento gnóstico
- O Guenonismo, sua história
- O Guenonismo, sua doutrina
- Estratégia e tática guenonianas
- "O esoterismo cristão"

S. A. B.

---

(1) O Padre Emmanuel Barbier (1851-1925), sob cujo patrocínio havíamos colocado inicialmente o nosso trabalho, é um exemplo perfeito desta situação. Jesuíta eminente, tendo descoberto a Subversão no âmbito de seu ministério docente, teve de deixar a Companhia de Jesus para poder denunciar a Revolução. Tornado padre secular, respeitado por seus estudos, honrado com uma bênção especial de Pio X, teve, no entanto, a tristeza de ver uma de suas obras posta no *Índex* sob o mesmo Pontífice: ele cometera a "imprudência" de querer detalhar *Os Progressos do Liberalismo sob o Pontificado de Leão XIII*. Esta obra, embora salutar, rendeu-lhe muitos aborrecimentos e conseguiu fazê-lo passar por suspeito; compreende-se que ele quase não tenha tido sucessores e que suas próprias cinzas ainda estejam um tanto quentes.

(2) Frithjof Schuon: alsaciano, guenoniano e muçulmano. Após residir por muito tempo na Suíça, exerce atualmente seus talentos nos meios católicos dos Estados Unidos.

(3) A maioria dos gnósticos, especialmente os que grassam entre os católicos, eriça-se diante da palavra "panteísmo", e compreende-se o porquê: eles não gostam de ser desmascarados e sabem que esta palavra é a única, suficientemente clara e precisa, que pode despertar suas eventuais vítimas e afastá-las deles. Empenham-se, portanto, em grandes esforços para "evitar o assunto" e seu gênio inventivo permitiu-lhes encontrar todo tipo de expressões, sendo a última delas o "Teonomismo". Esta palavra confirma que, segundo um método familiar ao Demônio, os gnósticos exaltam tanto mais o Deus único quanto mais desejam suprimir o Deus verdadeiro, o da Trindade e da Encarnação.

Revision #2
Created 20 February 2026 21:59:24 by Admin
Updated 20 February 2026 22:15:20 by Admin